

JAZZ

18 NOVEMBRO 2016

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Hamar Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone e clarinete Klaus Ellerhusen Holm **Contrabaixo** Hernâni Faustino **Percussão** Nuno Morão

Hamar, Amar

Esta é a estreia absoluta do Hamar Trio. Ou seja, antes mesmo do primeiro concerto há o compromisso de continuar o projeto, com mais concertos e a gravação de discos. Por esse lado, nada de especialmente novo, mas acontece que o grupo que agora se apresenta junta um norueguês, o saxofonista e clarinetista Klaus Ellerhusen Holm, a dois portugueses, Hernâni Faustino e Nuno Morão – regra geral, em associações como esta da “prata da casa” com nomes de outros países, estes surgem como convidados. Não é, de todo, o caso. Acontece, também, que a ideia veio não dos próprios intervenientes, mas do programador do ciclo *Isto é Jazz?*, Pedro Costa, que assim adota e adapta os procedimentos da curadoria de artes plásticas, originando ele próprio uma específica situação artística. Como confirma Faustino: «A iniciativa veio do Pedro, e em boa hora!»

De imediato se percebe o porquê de serem estes os escolhidos: une-os o facto de serem músicos difíceis de catalogar, não coincidindo por inteiro com o idioma musical que calha estarem a tocar, seja jazz, improvisação livre, música de câmara ou rock, e por isso mesmo fazendo com que cada um dos referidos soe a algo mais do que a sua identidade própria. Basta consultar os respetivos currículos e verificar do envolvimento de Holm com uma formação como os Ballrogg, que toca *country* à maneira do compositor Morton Feldman (!), de Faustino tanto com o free “desviado” do curso jazzis-

tico normal pelas muitas influências recebidas de Messiaen e Ligeti por parte do Red Trio, e de Morão com o experimentalismo eletroacústico das suas associações a Ricardo Jacinto ou com a interpretação de composições de música clássica em instrumentos de brinquedo, inserido no Ensemble JER.

«Eu já conhecia o trabalho do Klaus com os Honest John e com os Ballrogg e imediatamente achei que seria um desafio bem interessante poder criar música com uma voz tão distinta no atual caldeirão do jazz», comenta Hernâni Faustino. Costa começou por juntá-los aos dois e Nuno Morão chegou ao trio por via de Faustino: «Era necessário adicionar um músico com a abordagem que o Nuno imprime na sua forma de tocar, com uma riqueza de timbres que só poderia vir de alguém que pensa como um percussionista e não como um baterista. Fica assim um grupo com artistas que têm noções muito próprias e uma grande capacidade de trabalho. O Klaus, por exemplo, consegue ampliar os seus recursos de um modo incrível, e isso para mim, enquanto improvisador, é importantíssimo. Poder seguir até ao limite a lógica, ou a falta desta, de uma construção em tempo real é de veras inspirador. A improvisação mostra tudo aquilo que somos, as nossas influências, os nossos trajetos, as nossas individualidades. Acho que os caminhos combinados dos três vão ser bastante férteis e luminosos e que vai existir o que esta prática musical tem de melhor: transversalidade.»

Porque cabe a Faustino e a Morão formular e manter as bases rítmicas e tex-

Sex 18 de novembro

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

turais da música que se criar, vantajoso seria que houvesse uma relação anterior entre ambos. É recente, mas há: «Tenho vindo a colaborar com o Nuno num trio que temos juntamente com o saxofonista Nuno Torres. Ele imprime a qualquer música que toque fatores como cor, espaço e tensão, possuindo um nível de concentração que lhe permite interagir com uma grande empatia e com muita personalidade. Um contrabaixo e uma bateria podem por vezes formar uma única voz em termos de dramatismo, de propulsão. E podem até tocar a música que está dentro do silêncio. É isso que eu ambiciono fazer com ele.» Esperará o contrabaixista que o jogo a desenvolver com Morão se assemelhe ao desse outro projeto? O que conduz a uma pergunta ainda mais abrangente: até que ponto os três músicos serão diferentes daquilo que conhecemos dos Ballrogg, dos Honest John, do Red Trio, do Ensemble JER? Às duas questões Faustino responde com um sim e um não...

«Falando por mim mesmo, posso dizer que sou um músico diferente quando toco com este ou com aquele grupo, mas o certo é que existe sempre o cunho pessoal, o ADN que me caracteriza. Mesmo face a todas as particularidades, a todos os diferentes contextos, assumo a responsabilidade de ser eu próprio, e nesse ponto procuro ser o mais honesto possível com os demais músicos. O que quer dizer, inclusive, que salvo raras exceções evito limitar o meu material sonoro e o meu instinto», explica Hernâni Faustino, considerando que algo de equivalente acontecerá com os seus parceiros. Até um músico con-

siderado “incharacterístico” tem as suas pessoais características e estas surgem em qualquer circunstância, uma coisa não invalidando a outra.

O nome Hamar Trio é já um gesto transversal: «Hamar é uma cidade da Noruega e esse nome foi proposto pelo Klaus. Nós, os portugueses, desde logo achámos interessante a particularidade de ser confundido com a palavra “Amar”, que possui uma emoção que não se define, vive-se. Vamos tentar concretizar esse sentimento na nossa música», informa-nos Faustino. Música amorosa, pois, a que se pode chamar jazz, «embora não percamos muito tempo com essas questões de rótulos». «O ser humano é tão cheio de contradições! Na verdade, não interessa saber se se trata ou não de jazz, o mais importante é o que resulta da música, como é o que o público a sente e como a acolhe. Trata-se de uma partilha, entre os músicos e entre os músicos e a assistência, e porque assim é faremos tudo para a tornar válida», afirma ainda. São essas as regras de uma parceria e do vínculo com quem ouve que a justifica...

«As colaborações nascem de interesses mútuos e eu procuro-as com frequência. As parcerias que fiz até hoje foram muito importantes para mim, pois trouxeram-me conhecimento e riqueza de formas e meios, fazendo com que crescesse como músico. Naturalmente, e por uma questão de proximidade, as que encetei com figuras nacionais são as que se solidificaram mais, mas acho-as a todas muito gratificantes», afirma Hernâni Faustino quanto ao carácter colaborativo deste

investimento debutante. A música improvisada é, por tradição, transnacional, envolvendo músicos de várias proveniências geográficas. O especial relevo desta está na circunstância de reunir representantes de duas das mais dinâmicas e inventivas “cenas” da Europa, a norueguesa e a portuguesa, projetando-a para o futuro e assim não surgindo apenas como mais um encontro fortuito, um acidente de percurso nas vidas dos seus participantes.

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Klaus Ellerhusen Holm saxofone e clarinete

Klaus Ellerhusen Holm nasceu em Oslo em 30 de julho de 1979, vive atualmente em Trondheim e trabalha no campo do jazz e da música improvisada e também em regiões exteriores do jazz.

Começou a tocar trompete aos seis anos mas logo depois mudou para o saxofone. Tem uma licenciatura do departamento de jazz no Conservatório de Música de Trondheim e estudou composição na Academia Norueguesa de Música. Atualmente os seus projetos mais ativos são: Honest John, o ensemble Large Unit liderado pelo baterista Paal Nilssen-Love e o trio Ballrogg com Roger Arntzen e Ivar Grydeland. Paralelamente desenvolve trabalho em duo com o guitarrista sueco David

Stackenäs, colabora com a Trondheim Jazz Orchestra e regularmente apresenta-se em concertos a solo.

Já tocou música em 17 países, e *performances* recentes incluem: Moers festival, Music Unlimited Wels, Art Atos St Johan, Earshot festival e Montreal Jazz Festival, bem como a maioria dos grandes festivais de jazz noruegueses.

Colabora regularmente com os músicos Mats Åleklint, Johan Berthling, Xavier Charles, Clare Cooper, Jim Denley, Axel Dörner, Michael Duch, John Edwards, Sidsel Endresen, Sture Ericson, Ingebrigt Haker Flaten, Frode Gjerstad, Giuseppe Giufree, Ivar Grydeland, Anders Hana, Carl Ludwig Hübsch, Terje Isungset, Anita Kaasbøll, Håkon Kornstad, Ola Kvernberg, Ole Henrik Moe, Matthias Muche, Lars Myrvoll, Kim Myhr, Kjell Nordeson, John Russell, Fredrik Rundqvist, Kari Rønnekleiv, Ignaz Schick, Raymond Strid, Mattias Stahl, Christian Wallumrød, Stian Westerhus, Joe Williamson, Ingar Zach e Per Zanussi.

Hernâni Faustino contrabaixo

Depois de estabelecer o seu nome durante os anos de 1980 como baixista em bandas de rock alternativo, como o já lendário K4 Quadrado Azul, Hernâni Faustino virou-se para *avant-jazz* e música improvisada livre e escolheu o contrabaixo como seu instrumento autodidata. Duas décadas depois de múltiplas interações com músicos portugueses e estrangeiros, é atualmente considerado um dos mais intensos

e contínuos contrabaixistas na cena Portuguesa. A associação que mantém com o baterista Gabriel Ferrandini (RED trio, Nobuyasu Furuya Trio & Quintet, Rodrigo Amado Wire Quartet) tem sido apontada como uma secção dinâmica. O seu modo de tocar visceral é bem demonstrado pelas contorções do seu rosto durante o desempenho: ele vai para os limites do prazer e da dor.

A música é a sua vida: além de ser músico, ele foi um dos membros da editora Clean Feed Records, considerada uma dos cinco mais importantes do planeta no que diz respeito ao jazz. Compôs para teatro, fez programas de rádio, e escreveu sobre música em um par de revistas. Dedica-se também à fotografia.

As colaborações com outros improvisadores são surpreendentes, pela abundância e variedade: John Butcher, Lotte Anker, Nate Wooley, Carlos “Zingaro”, Agustí Fernández, Sei Miguel, Rafael Toral, Jason Stein, Nuno Rebelo, Rodrigo Pinheiro, Gabriel Ferrandini, Pedro Sousa, Rodrigo Amado, Albert Cirera, Manuel Mota, Luís Lopes, Jon Irabagon, Taylor Ho Bynum, Gerard Lebig, Piotr Damasiewicz, Harris Eisenstadt, Neil Davidson, Heddy Boubaker, Gerard Lebig, Elliott Levin, Katsura Yamauchi, Mats Gustafsson, Chris Corsano, Nikolaus Gerszewski, Rob Mazurek, Reinhold Friedl, Ernesto Rodrigues, Nuno Torres, Ricardo Jacinto, Blaise Siwula, Virginia Genta, Elliott Levin, Daniel Carter, Federico Ughi, Floros Floridis, Matt Bauder, Dennis González, Vítor Rua, e muitos mais, cobrindo uma vasta gama de *bop*

livre à experimentação extrema, passando pela eletroacústica improvisada reducionismo e *noise*.

Nuno Morão percussão

Em 1983, Nuno Morão, iniciou os estudos musicais na Escola de Música de Loures. Foi depois aluno no Instituto Gregoriano de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, Escola Superior de Música de Lisboa e Universidade de Évora onde terminou licenciatura em jazz.

Trabalha como músico, compositor e sonoplasta (teatro, dança, *performance*, instalação, cinema, web e novos *media*).

Formou-se como baterista e percussionista em *workshops* de jazz promovidos pelo Hot Clube de Portugal e em 1997 formou o grupo de teatro NãO.

Entre 2004 e 2007 foi diretor técnico do Festival Escrita na Paisagem.

Participa em diversas formações no campo da música experimental e improvisada, das quais se destacam o duo UR com André Sier, PARQUE de Ricardo Jacinto, Pinkdraft, e as formações IKB e VGO ambas dirigidas por Ernesto Rodrigues. Sonoplasta na editora BOCA. Também passeia pelas serras, recolhe documentação e fotografa comboios.

Próximo espetáculo

Hootenanny

Ciclo comissariado
por Ruben de Carvalho

Música De sáb 19 a qua 23 de novembro
21h30 · Duração: 1h30 · M6

Ana Popovic

Sáb 19 · Grande Auditório

Catfish Keith

Seg 21 · Pequeno Auditório

Serushio

Qua 23 · Grande Auditório

A presença de Ana Popovic no Grande Auditório poderá levar alguns pontos de vista para a opinião de que o Hootenanny cedeu ao pop... A exuberante presença de Ana, não apenas pela sua voz e fulgurante guitarra, mas igualmente por cuidado no guarda-roupa, escasso porque o escultural corpo e a frondosa cabeleira fazem o resto...

Ana Popovic já ganhou nos Estados Unidos os prémios que a consagram como uma inquestionável presença da atual cena dos *blues* e *rhythm and blues* e as críticas são unânimes: estamos perante uma grande intérprete – que tem a sorte de ser servida por uma sedutora presença de palco. Ora, sendo certo que nasceu na Sérvia e não em

Ana Popovic © Mark Goodman



New Orleans ou Chicago, a verdade é que trás ao palco uma sensualidade que é parte constitutiva dos próprios *blues*.

Em 2016 o Hootenanny apresenta o que se anuncia como um notável espetáculo do Grande Auditório, mas faz igualmente justiça a duas outras linhas marcantes dos *blues*: o seu apego às raízes, com Catfish Keith, uma expressão da quase ímpar marca dos *blues* no panorama da música popular contemporânea onde a indústria privilegia a alegada novidade em detrimento sistemático do clássico. E essa notável capacidade, já demonstrada por uma presença balcânica, dos sons do Delta cruzarem o oceano e chegarem também a Portugal! Os Serushio são das últimas expressões duma produção que entre nós tardou mas que se revela de boa saúde, sendo de toda a justiça sublinhar a austeridade e a virtuosidade de um duo que não teme aventurar-se nas sinuosidades rítmicas e pentatónicas a viverem pela sua qualidade e não pelos decibéis.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt